



ELAS EDITAM

História editorial e
arquivos vivos na Colômbia

led

**Paula Andrea
Marín Colorado**

Trad.
**Ana Elisa Ribeiro
Jorgelina Tallei**

Este ensaio tem origem na conferência proferida presencialmente como Aula Inaugural do bacharelado em Letras do CEFET-MG, em 12 de setembro de 2023, nos miniauditórios do campus Nova Sulça, em Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil, com os apoios do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens e da Capes.



ELAS EDITAM

História editorial e
arquivos vivos na Colômbia



**Paula Andrea
Marín Colorado**

Trad.
**Ana Elisa Ribeiro
Jorgelina Tallei**

Sumário

"Para muitas pessoas, o panorama atual não pode ser mais alentador: ..."	4
---	---

Ellas Editan

Primeira geração	8
Segunda geração	10
Terceira geração	11
Quarta geração	12

Reflexões	13
------------------------	----

Referências	18
--------------------------	----

Nota da tradutora	19
--------------------------------	----

Sobre a autora e as tradutoras	20
---	----

Para muitas pessoas, o panorama atual não pode ser mais alentador: a cada dia são publicados mais livros de mulheres, e elas são mais visíveis em livrarias e eventos culturais. Só podemos celebrar. No entanto, há acontecimentos que continuam nos convidando a não baixar a guarda. Em 2022, o Ministério da Cultura da Colômbia divulgou os resultados da pesquisa “Participação das mulheres no setor cultural” (setores audiovisual e editorial). Tais resultados nos estimulam a fazer perguntas e a continuar pensando em propostas para melhorar a situação profissional das mulheres. De acordo com esse documento, a presença delas em cargos de direção no setor cultural do país gira em torno de 38%. O informe comprova a significativa desigualdade salarial que ainda existe entre homens e mulheres, além de apontar que, mesmo que elas ocupem 59% dos cargos editoriais, são as que apresentam maior instabilidade laboral e condições de trabalho menos formalizadas. Soma-se a esse dado o fato de que as mulheres apresentam maior índice de matrículas nos programas de formação relacionados ao trabalho editorial (entre 60% e 70%), no entanto, no percentual de egressos, as mulheres aparecem com 50%. De acordo com os resultados da pesquisa, para elas seria mais difícil encontrar trabalho à medida que aumenta a idade: se até os 27 anos há uma paridade entre homens e mulheres empregados, a partir dos 40 a diferença começa a se ampliar, o que pode confirmar pressões

sociais que, para as mulheres, sempre foram mais fortes: dedicar-se à vida familiar e conservar a “juventude” associada à “beleza” para nos sentirmos reconciliadas em um sistema que, em muitos sentidos — e talvez ainda mais nos cotidianos e íntimos — continua sendo muito patriarcal.

Ainda que, em muitos aspectos, a desigualdade de gênero continue, as conquistas das últimas décadas e, sobretudo, dos últimos anos demonstram que as mudanças são possíveis e que as políticas sustentadas a longo prazo são as únicas que funcionam. Daí que res-gatar a história das mulheres que, décadas atrás, contribuíram para abrir os caminhos para as transformações atuais seja uma maneira de demonstrar que hoje somos “parte de uma grande e poderosa tradição”, tal como está na dedicatória de *Ellas editan: Testimonios de dieciséis editoras colombianas que construyeron un camino para los libros en un país de no lectores*¹. Esse livro, escrito por Margarita Valencia e por mim, graças a dezesseis editoras que nos presentearam com seu tempo e suas palavras para realizar as entrevistas, condensa 40 anos de história da edição na Colômbia. Por isso podemos falar dele como um arquivo vivo da edição colombiana. Lamentavelmente, duas das entrevistadas faleceram nos últimos anos (Tita Maya e María Candelaria Posada); as demais continuam exercendo seu ofício no mundo do impresso, da edição e dos/das leitores/leitoras.

Embora ainda não alcancemos total equidade entre os livros publicados por mulheres e por homens, tem havido, sim, um aumento significativo na última década, para o que pode ter contribuído — entre outros fatores — a criação de editoras independentes na Colômbia, fundadas e dirigidas por mulheres: Babel, Tragaluz Editores, Luna Libros, Sílabas Editores, Máquina Editorial, Atarraya Editores, Himpas Editores, entre

¹ O livro foi publicado em Bogotá pela editora Ariel, em 2019, e não tem tradução no Brasil. É um dos poucos que existem na bibliografia sobre mulheres na edição na América Latina. [N. da T.]

outras quase trinta. Na atualidade, contamos com, pelo menos, duas editoras dedicadas à publicação de escritoras, especialmente poetisas: Sincronía Casa Editorial² e Cardumen, além de grande número de coletivos de artistas gráficas e escritoras que concentram seu trabalho editorial na publicação de fanzines para divulgar seus trabalhos e o de outras mulheres.

Mesmo que esteja demonstrado que a presença de mulheres nas equipes editoriais não garante que se publiquem mais obras de escritoras, de maneira equânime frente aos homens, a longo prazo, essa mudança nas diretorias das editoras poderia significar o alcance de maior equilíbrio. Já estamos longe do que aconteceu até a segunda metade do século XX, quando as mulheres precisavam se socorrer majoritariamente das publicações periódicas para divulgar suas obras literárias, na falta de editoras — as poucas existentes dirigidas e fundadas por homens —, e havia um preconceito dos escritores segundo o qual o que as mulheres escreviam não tinha muito valor literário. A imprensa se tornou a tribuna de algumas delas, que conseguiram não só publicar seus textos (poemas, contos, crônicas), mas também dirigir publicações periódicas orientadas às mulheres ou abertamente feministas. Se, ao longo do século XIX e das primeiras décadas do século XX, mais da metade das publicações voltadas às mulheres eram dirigidas por homens, a partir de 1940 essa proporção se inverte radicalmente.

É a partir da segunda metade do século XX que as mulheres começam a participar mais das equipes editoriais e da vida literária do país e, a partir da primeira década do século XXI, os nomes delas figuram como fundadoras ou diretoras de editoras, com algumas exceções, como os casos de Patricia Hoher, fundadora, com

² https://www.cervantesvirtual.com/portales/editores_editoriales_iberamericanos/obra/sincronia-casa-editorial-bogota-2019--semblanza-1210664/

o marido, da El Áncora Editores³, ou de Margarita Valencia, que dirigiu a editora fundada por seu pai e outros sócios, a Carlos Valencia Editores⁴, ambas entre o final da década de 1980 e o início da de 1990.

³ https://www.cervantesvirtual.com/portales/editores_editoriales_iberoamericanos/obra/el-ancora-editores-bogota-1980--semblanza-997694/

⁴ https://www.cervantesvirtual.com/portales/editores_editoriales_iberoamericanos/obra/carlos-valencia-editores-1975-1991-semblanza--952798/

Ellas editan

Primeira geração

Nas entrevistas que realizamos, Margarita Valencia e eu pudemos identificar quatro gerações de editoras. A primeira delas corresponde às mulheres que nasceram entre 1930 e 1940: María del Mar Ravassa, María Candelaria Posada, Silvia Castrillón e María Osorio. Dessas, duas têm formação em Letras — como a maioria das editoras entrevistadas — e duas foram para os Estados Unidos fazer cursos de edição. As quatro trabalharam na editora Norma⁵ e todas passaram pelas coleções de literatura infantil; além disso, Silvia Castrillón e María Osorio participaram da fundação da Fundalectura (atualmente em funcionamento) e da Asolectura, duas instituições que se dedicaram à formação de leitores e leitoras, sobretudo trabalhando com professores e professoras de escolas e colégios. As contribuições dessas mulheres foram muito importantes para o livro, a edição e a leitura, em dois sentidos: o primeiro deles a formação de leitores habituais, leitores que leem por gosto. Entre o final da década de 1970 e os anos

⁵ https://www.cervantesvirtual.com/portales/editores_editoriales_iberoamericanos/obra/editorial-norma-1960-2011-semblanza-777435/

1980, a Colômbia finalmente alcançou taxas de alfabetização de 80% na área rural e de 90% na urbana, isso graças a campanhas muito efetivas que alcançaram esses índices no intervalo de duas décadas. Concomitantemente, apareceu o problema do “analfabetismo funcional”; a leitura, para as novas gerações alfabetizadas, passou a ser uma atividade que se restringia à escola, e isso impedia que se formassem leitores e leitoras que liam por gosto.

Para responder a essa situação, surgiu a promoção da leitura, uma série de campanhas impulsionadas pelo Estado, numa aliança com bibliotecas, livrarias e editoras, para promover a leitura como hábito fora da escola. Daí ter sido tão importante o trabalho realizado pela Fundalectura e pela Asolectura. Mas, para que ele fosse efetivo, faziam falta livros produzidos para meninos e meninas que estivessem dentro e fora da escola, e precisamente a criação desses livros foi a segunda contribuição dessas mulheres. Ainda que, na década de 1970, a Carlos Valencia Editores tivesse começado a produzir livros infantis, na de 1980 o trabalho da Norma foi imprescindível para que a literatura infantil e juvenil se consolidasse na Colômbia. Desde então, as mulheres editoras⁶ dessa primeira geração criaram coleções especializadas para crianças, segmentadas por idade (Torre de Papel), e, ao mesmo tempo, criaram um personagem, o Chigüiro, baseado nas histórias escritas por Ivar Da Coll, para se contrapor, com representações próprias do nosso país, ao influxo das séries impressas da Disney.

Atualmente, Silvia Castrillón e María Osorio continuam editando a série do Chigüiro pela editora delas, Babel, e introduziram mais uma inovação nos livros: eliminar a segmentação por idade. Hoje, a literatura infantil e juvenil demanda a eliminação de classificações etárias, pois cada vez mais pessoas adultas preferem esses livros quando vão às livrarias. Além disso, a abertura desses livros a todas as idades lhes

⁶ Em português, a palavra “editora” é ambivalente, podendo se referir às mulheres ou às empresas, como apontado em Ribeiro (2020; 2023). Por isso, optou-se por, às vezes, em determinados contextos, escrever “mulher editora”.

permite circular de maneira mais livre por todas as livrarias, e não apenas nas especializadas ou no circuito escolar.

Segunda geração

A segunda geração de editoras corresponde a cinco mulheres nascidas na década de 1950: Lucía Donadío, Ana María Cano, Ana Roda, Margarita Valencia e Tita Maya. Com elas, o panorama da participação das mulheres no mundo do livro, da edição e da leitura começou a se diversificar mais. Duas delas se formaram na Espanha, em cursos sobre ofícios editoriais, e duas outras também passaram pela editora Norma, atuando na área de literatura. Sua contribuição se concentrará principalmente nas traduções de obras de autores e autoras estrangeiros, algo que se fazia pouco no país. Além disso, elas serão as cabeças destas iniciativas: *La Hoja*, que, na década de 1990, nos lembrou que a Colômbia era muito mais que o narcotráfico; as editoras universitárias, por exemplo, a da Universidade Nacional e a EAFIT, que passaram a ser parâmetro importante da edição nacional naquele momento (anos 1990); o primeiro programa profissional de formação de editores e editoras da Colômbia, o Mestrado em Estudos Editoriais do Instituto Caro y Cuervo, criado em 2016; e as instituições e projetos governamentais relacionados ao livro, à edição e à leitura, como o *Libro al Viento* (com livros de circulação gratuita em Bogotá, que funciona desde o início da década de 2000), o *Bogotá: Capital Mundial del Libro* e o *Bogotá39* (que seleciona 39 escritores e escritoras latino-americanos com menos de 40 anos, realizado em 2007 e em 2017).

Em Medellín, três dessas mulheres fundaram editoras: Lucía Donadío criou a Sílabas Editores, umas das editoras independentes mais consolidadas do país, focada na publicação de narrativa e poesia; Ana María Cano fundou a Savia, dedicada ao tema do meio ambiente; e Tita Maya, a Cantoalegre, um projeto de livros e música. Maya também contribuiu com soluções para o “analfabetismo funcional” nas áreas

rurais do estado da Antioquia. Graças ao seu trabalho com a Fundación Secretos para Contar, no começo dos anos 2000, e à circulação de livros editados sob a coordenação de Maya (com tiragem de 200 mil exemplares), os hábitos de leitura da população rural local foram transformados. Conta Maya que muitas pessoas colavam “na parede o jornal que envolvia as panelas” e o liam para não se esquecerem de ler.

Terceira geração

A terceira geração de editoras é composta por outras cinco mulheres nascidas na década de 1960 e início da de 1970: Doris Aguirre, María Fernanda Paz-Castillo (nascida na Venezuela, mas a maior parte da sua trajetória editorial foi na Colômbia), Marianne Ponsford (nascida em Glasgow, mas permaneceu na Colômbia a maior parte de sua vida), Pilar Reyes e Pilar Gutiérrez. A partir dessa geração, aparece a Comunicação Social (Jornalismo) como formação muito presente entre as entrevistadas, embora a Literatura e as Letras tenham se mantido predominantes. Essa geração dá continuidade à senda aberta pela anterior em relação às editoras universitárias (Universidade da Antioquia, por exemplo), com a criação de editoras independentes que, atualmente, gozam de grande reconhecimento dentro e fora do país (Cataplum Libros, especializada em literatura infantil e juvenil,⁷ e Tragaluz Editores, muito reconhecida pelos livros ilustrados⁸), e com a criação de revistas como a Arcadia (2005-2014), que voltou a tornar notícia o que acontecia no mundo cultural, depois de muitos anos sem existir nenhuma publicação periódica de grande circulação sobre esse tema. Um fato interessante sobre essas editoras é que três delas trabalharam e trabalham em editoras estrangeiras e multinacionais (SM, Turner, Siruela, Planeta e Alfaguara). Pilar Reyes ocupa atualmente

⁷ https://www.cervantesvirtual.com/portales/editores_editoriales_iberoamericanos/obra/cataplum-libros-editorial-2014--semblanza-1210643/

⁸ https://www.cervantesvirtual.com/portales/editores_editoriales_iberoamericanos/obra/tragaluz-editores-editorial-2005--semblanza-1210670/

o cargo mais importante da edição em castelhano: é diretora de todos os selos literários do grupo Penguin Random House. Seu trabalho começou na filial da Santillana na Colômbia e se caracterizou pelo fortalecimento do catálogo de autores e autoras locais, para além da edição escolar em que a casa focava sua produção no país. Reyes é diretamente responsável pelo fato de as obras de Fernando Vallejo, Héctor Abad Faciolince e Juan Gabriel Vásquez terem sido publicadas pela Alfaguara e atualmente gozarem de bastante reconhecimento internacional.

Quarta geração

A quarta e última geração de editoras que entrevistamos é formada por mulheres nascidas entre o final dos anos 1970 e o início dos 1980: Catalina González e Catalina Holguín. González iniciou sua trajetória editorial nas revistas universitárias e Holguín, na Biblioteca Nacional da Colômbia, no projeto de criação da Biblioteca Digital. Holguín se define como uma editora digital e atualmente dirige a Máquina Editorial e a plataforma de distribuição de livros digitais MakeMake, buscando equilibrar um pouco as forças do negócio editorial das plataformas educativas e de leitura, praticamente monopolizado por multinacionais presentes na Colômbia. De seu lado, Catalina González dirige a Luna Libros, uma das editoras independentes mais consolidadas do país hoje, dedicada à publicação de poesia, crônica e ensaio.

Reflexões

Esse passeio por quatro gerações de editoras da Colômbia dá ensejo a algumas reflexões: a primeira é sobre a importância da editora Norma para a profissionalização da edição no país, pois foi por lá que passaram seis das editoras entrevistadas, e o trabalho realizado fomentou a renovação e o fortalecimento da edição de literatura infantil e juvenil, além da literatura nacional e estrangeira, com traduções próprias. A segunda reflexão tem a ver com o papel que as editoras independentes desempenharam no posicionamento das mulheres no mundo editorial. Desde o começo dos anos 2000, várias das editoras independentes criadas na Colômbia têm mulheres como fundadoras. O aparecimento da impressão digital foi fundamental para o surgimento e a sustentação dessas casas, que imprimem entre 300 e no máximo 1000 exemplares por título, podem funcionar com equipes de trabalho pequenas (de seis a dez pessoas) e cujo número de títulos publicados por ano (entre quatro e quinze) não costuma estar sob as exigências da edição mais industrial. A terceira reflexão se relaciona com o trabalho desen-

volvido por algumas das editoras entrevistadas no âmbito da edição universitária, que contribuiu para que esse tipo de edição tenha hoje o mesmo reconhecimento da edição “comercial”. Os eixos centrais do trabalho realizado por essas editoras que possibilitaram esse reconhecimento são: tirar os livros do depósito e pô-los para circular em livrarias e feiras, definir muito claramente os critérios de seleção dos textos publicados e pensar no orçamento para além do simples cumprimento de uma rubrica atribuída pela Reitoria da universidade.

Além dessas reflexões, as entrevistas permitem ainda pensar em três questões fundamentais para se compreender o lugar da mulher na edição, a função da editora ou do editor e as políticas públicas para o livro na Colômbia. Em relação às mulheres, a maioria (13) ocupou ou ocupa, na atualidade, cargos de direção em editoras (sobretudo independentes ou universitárias) ou em instituições como bibliotecas ou de fomento ao livro e à leitura; a maioria delas (11) também fundou seus próprios projetos editoriais (independentes ou de revistas) ou institucionais (de fomento à leitura ou de formação em edição). Esses dados permitem evidenciar que, embora a mulher seja mais frequente, hoje, em cargos de direção, eles não são representativos dos grandes conglomerados editoriais e, institucionalmente, elas continuam relacionadas a atividades em que a mulher tradicionalmente teve um papel de destaque: as bibliotecas, o fomento à leitura e a educação. Mais ainda, tais cargos de direção têm a ver com o fato de que várias das editoras entrevistadas criaram sua própria editora (independente), sendo que algumas delas já alcançaram hoje um ponto de equilíbrio (Máquina Editorial, Luna Libros, Tragaluz Editores, Babel e Cataplum Libros).

Oito das entrevistadas (sobretudo as das últimas gerações) começaram suas trajetórias diretamente no setor editorial, e nove delas trabalharam na edição de literatura infantil e juvenil. Esses dados dizem algo sobre a profissionalização da edição no país, que foi mais evidente para as mulheres que nasceram entre os anos 1960 e 1970. Do mesmo

modo, essa profissionalização contribuiu para tornar a literatura infantil e juvenil um prestigioso espaço editorial no qual as mulheres têm desempenhado um papel protagonista. Todas as entrevistadas concordam que o âmbito editorial é majoritariamente feminino, e seis das oito às quais foi feita a pergunta direta sobre se sentiram alguma desvantagem por serem mulheres nesse meio responderam *não*. Talvez essa resposta possa estar ligada — como já apontado por Ana Elisa Ribeiro (2021) — a uma percepção das gerações mais jovens ou ao fato de que o setor editorial está dentro do cultural, e este, desde a segunda metade do século XX, não tem sido alheio à presença feminina, embora continue sendo estranho que elas estejam em cargos de direção, tanto institucionais, quanto em grandes editoras. Talvez, para a maioria de nós, ainda subjaza essa qualidade aprendida à qual se refere Margarita Valencia em sua entrevista: “As mulheres ainda temos um pudor imenso, um pudor que nos empurraram desde o ventre e que nos diz que não devemos nos ver, que não devemos nos fazer notar, que devemos falar baixo, nos vestir discretamente, ser muito agradecidas”.

Sobre a função da editora ou do editor, *Ellas editan* nos permite chegar a incontáveis e ricas reflexões sobre o tema. Quero ressaltar as que têm a ver com o trabalho de cuidado com a obra criada por um autor ou uma autora. Se editar é “dar à luz”, “o ofício do editor deve se parecer com o de um luminotécnico, alguém que joga luz sobre outro para ressaltar sua beleza”, como disse Marianne Ponsford na entrevista. Nesse sentido, o trabalho do editor ou da editora é criar as condições mais adequadas para que essa beleza encontrada seja conhecida por outros e outras: as leitoras e os leitores. E isso significa, além de trabalhar o texto com o autor ou a autora e com a equipe de produção editorial, fazer todo o possível para identificar onde podem estar esses leitores, conhecer de finanças, marketing, conversar com livreiros e livreiras, e com as distribuidoras.

Em relação às políticas públicas do livro e da leitura na Colômbia, talvez uma das questões mais enfatizadas nas entrevistas seja aquela

que se relaciona ao desequilíbrio entre a edição nacional e os livros importados, e os editados no exterior e impressos no país. Refiro-me aqui ao que se poderia denominar uma nova fase da “colonização cultural editorial”, encabeçada pela edição espanhola. Dos livros que estão nas livrarias, os espanhóis são mais do que os nacionais. Essa concentração de livros espanhóis se deve, principalmente, à presença das filiais dos grupos Planeta e Penguin Random House, além das grandes distribuidoras que importam livros de diversas editoras espanholas. A Planeta e a Penguin se instalaram no país como indústrias colombianas, apesar de que a maioria dos seus livros não são editados aqui (só são impressos), e isso lhes permite acessar licitações de bibliotecas públicas, no que as editoras nacionais e independentes sempre saem perdendo. Além disso, essas editoras multinacionais têm mais acesso às escolas, às quais vendem seus projetos de leitura. A presença da edição espanhola influencia também no fato de que — como afirmou María Osorio na entrevista — “enquanto nossas crianças entre a Patagônia e o Alasca leem os mesmos livros de autores espanhóis, é surpreendente o pouco que conhecem a literatura de seus vizinhos. Trazer um livro da Argentina ou do México [...] continua sendo hoje um suicídio comercial”. Diante dessa situação, várias editoras e editores têm solicitado que haja mais apoio institucional e governamental à edição nacional ou independente, para não competirem em condições tão desiguais com a musculatura financeira e a alta visibilidade das editoras de grandes grupos.

Para concluir, quero trazer como referência um artigo de Ana Gallego Cuiñas intitulado “Femedición. Hacia una praxis editorial feminista en Iberoamérica” (2022), no qual a autora propõe sete características de uma nova prática editorial, a *femedición*. Essas características são:

- o coletivo;
- o emancipado;
- o desobediente;
- a atenção às traduções;

- a presença de escritores novatos;
- a militância; e
- o ativismo.

O *coletivo* faz muito sentido, uma vez que exaltar a figura do editor (no masculino) tem muita relação com a invisibilização das mulheres no setor editorial. O coletivo, então, convida a concentrar as pesquisas e as análises na equipe editorial, mais do que na figura que está na direção editorial. O *emancipado* tem a ver com uma política editorial de publicação de 50% de mulheres autoras e que a equipe editorial também se mantenha com essa proporção. O desobediente se relaciona com a política editorial de publicar gêneros menores e traduções, com a publicação de obras de autores e autoras de línguas minoritárias, para dar espaço à diversidade cultural. A *presença de autores e autoras novatos* ajuda a renovar e diversificar catálogos e a literatura. A *militância*, por seu lado, se refere ao desenvolvimento de práticas igualitárias (linguagem inclusiva, trabalho com associações feministas e redes comunitárias).

Além de continuar dando visibilidade ao trabalho das mulheres, que foi obliterado em todos os âmbitos, e de seguir criando políticas contra a desigualdade de gênero, e de sustentá-las ao longo do tempo, a prática da *femedição* torna-se uma possibilidade de dar um passo além: já não é uma edição feminina, mas uma edição feminista, que inclua homens e mulheres; uma prática feminista que questione, desde a base, o modelo capitalista branco masculino ou masculinizado, o modelo patriarcal que continua atuando em nossas estruturas mentais e nas de todas as instâncias da sociedade.

Referências

RIBEIRO, Ana Elisa. Sandra Espilotro (Globo Libros) e o “matriarcado” da década de 1990 no mercado editorial brasileiro. In: RIBEIRO, Ana Elisa; PEREIRA, Maria do Rosário A.; MOREIRA, Renata (orgs.) *Prezada editora*. Mulheres no mercado editorial brasileiro. Belo Horizonte: Moinhos, Contafios, 2021. p. 151-170.

GALLEGO CUIÑAS, Ana. Femedición. Hacia una praxis editorial feminista en Iberoamérica. *Iberoamericana*, v. XXII, n. 80, p. 11-38, 2022. Disponível em: <https://journals.iai.spk-berlin.de/index.php/iberoamericana/article/view/2956/2414>

Nota da tradutora

Os links oferecidos pela autora são dos verbetes do catálogo de editoras e editores ibero-americanos da Edi-Red, projeto na Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, com textos produzidos por colegas de vários países, incluindo o Brasil. O site é: https://www.cervantesvirtual.com/portales/editores_editoriales_iberoamericanos/catalogo_editores_editoriales/

O artigo de Ana Gallego Cuiñas citado ao final já está traduzido ao português e será publicado na revista *Eco-Pós*, do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), no ano de 2024, em um dossiê organizado por Isabel Travancas e Ana Elisa Ribeiro. O endereço do periódico é https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco_pos.

Os textos mencionados na nota 6 para justificar uma escolha de tradução são: RIBEIRO, Ana Elisa. *Subnarradas: mulheres que editam*, pela editora Zazie (Rio de Janeiro/Copenhague, 2020); e RIBEIRO, Ana Elisa. *Como nasce uma editora*, pela Entretantas Edições (Belo Horizonte, 2023). Deste, há uma tradução, *Cómo nace una editora*, pela Universidad Autónoma Metropolitana (UAM), México, publicada em 2024 e com tradução a cargo de Freja Cervantes Becerril. Os acessos são pelos links: <https://zazie.com.br/wp-content/uploads/2021/05/ANA-ELISA-RIBEIRO-7.pdf> e <https://anadigital.pro.br/wp-content/uploads/2023/09/Como-nasce-editora-ebook.pdf>.



Paula Andrea Marín Colorado é professora da Universidade de Antioquia, em Medellín, Colômbia. É doutora em literatura. Autora dos livros *Acercamiento a la novela colombiana de los setenta*, *La nueva novela colombiana de Evelio Rosero*, *Tomás González y Antonio Ungar*, *Novela, autonomía literaria y profesionalización del escritor en Colombia*, *Un momento en la historia de la edición y de la lectura en Colombia* e *Del amor como viaje*. É também uma das organizadoras dos livros *Lectores, editores y cultura impresa en Colombia* (2018), *Ellas editan* (2019, ganhador do Prêmio Julio González Gómez da Secretaría de Cultura de Bogotá), *La edición*

del cuento en Colombia en el siglo XX (2022), *Oficio: libros* (2023) e *Aferrarse al mundo. Historias de lectoras, lectores y sus bibliotecas* (2023). Esteve no CEFET-MG em 2023 para ministrar o minicurso “Estudios editoriales: objetos y métodos de investigación”, a convite do Posling. Na ocasião, também proferiu a aula inaugural do bacharelado em Letras.

Ana Elisa Ribeiro é professora titular do Departamento de Linguagem e Tecnologia do CEFET-MG, onde atua no bacharelado em Letras e no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens. É doutora e mestre em Estudos Linguísticos, além de licenciada e bacharel em Letras pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). É pesquisadora da Fapemig e do CNPq nos temas do livro e da edição. Entre outros, publicou os ensaios *Subnarradas: mulheres que editam* (Zazie, 2020) e *Como nasce uma editora* (Entretantas, 2023; UAM, 2024).

Jorgelina Tallei é professora da Universidade Federal da Integração Latinoamericana (Unila), em Foz do Iguaçu, Paraná, Brasil. É doutora em educação pela UFMG. É autora dos livros infantis *A língua de todos e a língua de cada um*, *Poemaria da fronteira* e *A menina que falava portunhol*. Realiza o pós-doutorado no CEFET-MG, na linha de estudos de edição, linguagem e tecnologia. É argentina e vive no Brasil há mais de vinte anos.

Modernismos: Poesia em Pernambuco – recortes

Pedro Américo de Farias

Concertar, consertar: Notas sobre preparação de originais e revisão de provas

Leonardo Mordente

Sobre a relação editor-autor

José Luis de Diego

Notícias falsas: Repensando as *fake news* nas redes sociais digitais a partir de notícias falsas impressas sobre política brasileira (séc. XX)

Petrilson Pinheiro

Elas editam: História editorial e arquivos vivos na Colômbia

Paula Andrea Marin Colorado

CENTRO FEDERAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA DE MINAS GERAIS (CEFET-MG)

Diretora-Geral

Carla Simone Chamon

Vice-Diretor

Conrado Rodrigues

Chefe de Gabinete

Danielle Marra de Freitas Silva Azevedo

Diretora de Educação Profissional e Tecnológica

Lilian Aparecida Arão

Diretor de Graduação

Moacir Felizardo de França Filho

Diretora de Pesquisa e Pós-Graduação

Laise Ferraz Correia

Diretor de Planejamento e Gestão

Flávio Luis Cardeal Pádua

Diretor de Extensão e Desenvolvimento Comunitário

Patterson Patrício de Souza

Diretora de Governança e Desenvolvimento Institucional

Carolina Riente de Andrade

Diretor de Tecnologia da Informação

Sandro Renato Dias

Diretor de Desenvolvimento Estudantil

Leandro Braga de Andrade

DEPARTAMENTO DE LINGUAGEM E TECNOLOGIA

Chefe

Sérgio Roberto Gomide Filho

Chefe Adjunta

Ana Elisa Ribeiro

BACHARELADO EM LETRAS - TECNOLOGIAS DE EDIÇÃO

Coordenadora

Joelma Rezende Xavier

Coordenadora Adjunta

Mariana Jafet Cestari

**Coordenadora**

Elaine Amélia Martins

Coordenadora Adjunta

Ana Elisa Ribeiro

Comissão Editorial

Profa. Dra. Ana Elisa Ribeiro

Profa. Dra. Elaine Amélia Martins

Prof. Dr. José de Souza Muniz Jr.

Prof. Dr. Luiz Henrique Silva de Oliveira

Prof. Dr. Rogério Silva Barbosa

Prof. Dr. Wagner Moreira

Conselho Editorial

Profa. Dra. Ana Cláudia Gruszynski (UFRGS, Brasil)

Profa. Dra. Andréa Borges Leão (UFC, Brasil)

Profa. Dra. Daniela Szpilbarg (CIS-IDES-CONICET, Argentina)

Profa. Dra. Isabel Travancas (UFRJ, Brasil)

Profa. Dra. Luciana Salazar Salgado (UFSCar, Brasil)

Prof. Dr. Luis Alberto Ferreira Brandão Santos (UFMG, Brasil)

Profa. Dra. Marília de Araújo Barcellos (UFSM, Brasil)

Prof. Dr. Mário Alex Rosa (UNI-BH, Brasil)

Prof. Dr. Mário Vinícius Ribeiro Gonçalves (CEFET-MG, Brasil)

LED é a editora-laboratório do Bacharelado em Letras: Tecnologias de Edição do CEFET-MG. Tem por objetivo proporcionar ao corpo discente um espaço permanente de reflexão e experiência para a prática profissional em edição de diversos materiais. Tem como princípios fundadores: a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão; a integração entre formação teórica e formação prática; e a valorização do aprendizado horizontal e autônomo.

www.led.cefetmg.br | led.cefetmg@gmail.com

© Paula Andrea Marin Colorado, 2024.

© desta edição, LED, 2024.

1ª edição, setembro de 2024.

Coordenação editorial da coleção

Ana Elisa Ribeiro e Wagner Moreira

Tradução e preparação de texto

Ana Elisa Ribeiro

Cotejo e revisão da tradução

Jorgelina Tallei

Projeto gráfico

Antônio de Andrade

Diagramação

Alicia Teodoro

Capa

Antônio de Andrade, Ana Elisa Ribeiro e Alicia Teodoro

Revisão de Texto

Alicia Teodoro

A “Coleção Aspas” tem o objetivo de publicar textos que originalmente foram falados, como conferências, palestras e aulas, de pesquisadores e pesquisadoras convidados/as.

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Universitária

Bibliotecário: Wagner Moreira de Souza – CRB/6-2623

Andrea, Paula

A556e

Elas editam [recurso eletrônico] História editorial e arquivos vivos na Colômbia / Paula Andrea Marín Colorado.
Belo Horizonte: LED, 2024.

18 p.

ISBN: 978-65-87948-51-5

1. Editoração. I. Título.

CDD: 070

